

# *Echos, Echoe, Ecos, Echi*

## *n° 18*

### **O inconsciente nos tempos do vírus**

*Março de 2022.*

Depois de dois anos – o ano do coronavírus – as ruas de minha cidade ainda permanecem desertas. Nada de mais normal! Ninguém se aventura fora de sua casa. O face a face, os abraços, os apertos de mãos, as reuniões entre pessoas: tudo isso está acabado. Nenhuma pessoa ousaria se dirigir diretamente a seu vizinho. Colocamos máscaras em crianças das mais tenras idades. Quem pensaria em se aventurar em uma experiência amorosa ao vivo? Todos estão habituados a viver em um mundo virtual. Trabalhamos à distância, transamos à distância, nos analisamos à distância, compramos à distância. E o pior é que nos habituamos com isso. Como diria meu gato, que tem a chance de não falar: « Os *trumains*<sup>1</sup> enfim compreenderam que eles estavam doentes de seus modos de intercâmbio”.

Se ele ousasse dizer isso para mim, eu lhe diria, imediatamente, que sabíamos disso há muito tempo.

Depois que vivo confinado, aproveitei o tempo para reler Freud, como vocês devem lembrar de quando ele, ao desembarcar nos Estados Unidos, em 1909, disse: “eles não sabem que estamos lhes trazendo a peste.” Essa peste não era nada mais que o inconsciente, ou seja, esse ectoplasma que se infiltra em nossas trocas sem que o saibamos.

Relendo “*Os chistes e sua relação com o inconsciente*”, achei interessante destacar que Freud havia notado como o riso era um fenômeno contagioso. E é assim que ele explica o fato de que, quando alguém ouve um chiste, sente a necessidade, quase imperativa, de conta-lo para uma outra pessoa para poder rir novamente por tabela, enquanto que, em geral, o efeito do chiste perde seu valor com a repetição. É como se o chiste precisasse ser propagado, transmitido de forma viral – como nos acostumamos a dizer, com toda razão, nos últimos anos – para conservar seu poder.

Pensei que seria divertido considerar que os indivíduos envolvidos nessa transmissão são apenas vetores a serviço do vírus do chiste. Seria uma boa piada. E como toda piada, ela revelaria uma parte da verdade. O inconsciente age como um vírus que enlaça os

indivíduos. Sem que eles saibam, esse laço se estabelece para desencadear seus amores, seus ódios, seus risos, suas lágrimas.

Então, vamos explorar essa ideia do inconsciente como um vírus. O vírus tem vida própria e deve sua sobrevivência apenas ao fato de ser transmitido de um indivíduo para outro. Uma vez que ele coloniza uma célula, ele a modifica, desvia-a de seu curso normal para dobrá-la ao seu capricho.

O inconsciente vírus existe apenas na relação entre duas pessoas que falam entre si. Fora dessa relação, ele não tem razão de ser.

Mas, por pouco que o inconsciente lhe contamine, ele passa a lhe impor seus caprichos, fazendo com que você faça ou diga bobagens, que chamamos de *atos falhos* ou *lapsos*. É o inconsciente que faz você fabricar sintomas, é o inconsciente que o leva a se engajar numa relação de transferência, que faz você supor um saber ao Outro. O que pode tê-lo levado a fazer uma psicanálise.

A esse propósito, o que é uma psicanálise? É uma maneira de aprender a se adaptar ao nosso mundo *safe*, a suportar o uso permanente da máscara ou do véu, em outras palavras, aprender a lidar com a fobia? De forma alguma! Lacan, que se preocupava muito com a transmissão da psicanálise, dizia que se ela cessasse de ser transmitida de forma viral (sou eu quem o adiciona) no tratamento, deixaria de existir. Dito de outra maneira, o vírus que preocupava Lacan depois de Freud tem um nome, é o desejo do analista. Nenhum deles pensava em erradicá-lo.

É por isso que, meus amigos, em 2022, apesar da atmosfera geral que fez de tudo para erradicá-la, a psicanálise ainda existe. Observo, aliás, que é o único espaço em que nos pedem para tirar nossa máscara antes de entrar.

### *Post scriptum*

Espero não ter chocado ninguém com este pequeno texto de ficção científica. Que aqueles que sofrem com essa porcaria que infecta nosso ar me perdoem pela leveza de minhas palavras. O chiste não é um bom remédio para suportar as vicissitudes dessa doença mortal e sexualmente transmissível chamada vida?

*Bernard Nominé, 22 de março de 2020.*

*Tradução: Andréa Hortélio Fernandes*

---

<sup>1</sup> Lacan faz um jogo de equívoco homofônico entre, em francês, entre “*les êtres humains*” et “*les trumains*”, referindo-se, também, ao buraco (“*trou*”) da linguagem. Ver lição de 17 de janeiro de 1978 do *Seminário* “O momento de concluir”, inédito.

## O truque para curar<sup>2</sup>

Lacan indicou aos psicanalistas o truque, aquele truque que permite ao analista, de tempos em tempos, curar uma neurose: “Ele sabe o truque... o modo pelo qual se cura uma neurose<sup>3</sup>.”

O analista detém esse saber do real do sexo.

E como fazer isso, caro Dr. Lacan?

Pelo significante, é claro, ele não cedeu sobre isso ao longo de todo seu ensino. Porque nós só temos isso como arma contra o sintoma que temos que alcançar, reduzir; ele chega a dizer “de efetivamente remover o resultado, isto é, o que chamamos o sintoma”, remover o sintoma, em outro lugar (*A terceira*), ele diz “extinção” do sintoma.

Como transmitir, vejam as notícias, “o vírus deste sinthoma sob a forma do significante?”

O sinthoma, vírus da psicanálise!

Não sem passar do sintoma ao sinthoma. Passar, sempre o passe onde é possível demonstrar isso, do sintoma ao sinthoma, deixar cair do sintoma o que “pt” e promover o que “th”<sup>4</sup>.

Parece Joyce que, no final de *Finnegans wake*, vai de “riverrun” a “the”<sup>5</sup>. O vírus corre nas correntes de Liffey e acaba por encalhar nas margens do “the”, que é chamado de artigo... *de-finito* [dé-fini].

É assim que “*The*” *Artist* propõe sua solução.

Observem que essa margem supõe o *wake*, o despertar. Não esperamos do passe que este indique a assinatura deste despertar?

O vírus do sintoma não é o do sinthoma, é na medida em que o gozo escoar que o sinthoma gay...ri [gai...rit]<sup>6</sup>.

O fato de um cartel permanente do CIG<sup>7</sup> ter tido a oportunidade de ler a intervenção de encerramento de Lacan no *Congresso sobre a transmissão* levou-nos a encontrar esse viral, esta virada, que diz respeito à prática dos psicanalistas. A tarefa não é fácil, pois ele também avança nessa intervenção que, para que a psicanálise possa durar, ela se reinventa a cada vez.

*Albert Nguyên, 23 de março de 2020.*

*Tradução: Elisabete Thamer*

---

<sup>2</sup> N. T.: Em francês, “*truc*”, termo que comporta varias acepções, assim como o termo “truque”, em português. Trata-se, neste contexto, tanto de “maneira habilidosa ou sutil de fazer alguma coisa”, como de “estratagema, astúcia.”

---

<sup>3</sup> J. Lacan, *Lettres de l'EFPP*, n°23, tome 2, 1979; versão em português, (trad. André Oliveira Costa): [http://www.appoa.com.br/correio/educacao/246/a\\_transmissao\\_encerramento\\_do\\_9\\_congresso\\_da\\_escola\\_freudiana\\_de\\_paris/222](http://www.appoa.com.br/correio/educacao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222). Tradução levemente modificada.

<sup>4</sup> N. T.: Letras que implicam a diferença ortográfica entre “sintoma” (*symptôme*) e sinthoma (*sinthome*). Neste mesmo texto, sobre a transmissão, Lacan comenta a diferença ortográfica e precisa que “*ptoma* quer dizer queda”. Ver também J. Lacan, “Joyce, o Sintoma”, *Outros escritos*, trad. V. Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 562-563.

<sup>5</sup> N. T.: “riverrum” e “the”, respectivamente primeira e última palavra de *Finnegans wake*

<sup>6</sup> N. T.: Jogo homofônico em francês entre “sintoma *guéri/gai...ri*” (sinthoma *curado*) e « sinthoma *alegre...ri* ».

<sup>7</sup> Cartel CIG composto por Vicky Estevez (Mais-um), Elisabete Thamer, Rosa Escapa, Dominique Marin, Anna Laura Prates, Albert Nguyễn.

## Nossa urgência

Vivemos um período inédito em nossa história contemporânea, que introduz um ponto de não-saber válido para todos, incluindo os especialistas dos comitês científicos que devem orientar as decisões de nossos governantes. Ninguém sabe até onde isso nos levará.

O não-saber diz respeito ao real ao qual cada ser falante é confrontado. O fato é que, há cerca de duas semanas, nos confrontamos com uma situação totalmente nova, dita confinamento, e que torna particularmente relevante o que Gilles Deleuze, após Michel Foucault, havia chamado, nos anos 1980, de “sociedade de controle”, que inaugura uma nova forma de poder levada a gerenciar e controlar o vivente.

Esta é uma realidade à qual todos somos obrigados a obedecer para conter a propagação da pandemia de coronavírus. Como sabemos, de acordo com o discurso dos epidemiologistas, se trata de suavizar a curva para atenuar o pior. Mas todos os especialistas também sabem que isso só cessará quando cerca de 60% da população, país por país, continente por continente, tiver contraído o vírus e, assim, a imunidade coletiva terá feito com que o vírus seja inoperante. É tudo uma questão de alongar o tempo do processo, a urgência sendo a de conter a extensão do desastre vinculada aos 5% dos casos que requerem cuidados intensivos.

O que os psicanalistas podem dizer face a esse real? Qual é o dever de dizer do psicanalista? Sabemos que Freud, chegando aos Estados Unidos da América, em setembro de 1909, confidenciou a Jung: “Eles não sabem que estamos lhes trazendo a peste”. Ainda podemos dizê-lo hoje? O que temos para transmitir? A missão do psicanalista é de transmitir um vírus, aquele que Lacan, no *IX Congresso* de sua Escola, em 1978, chamou de sinthoma, na medida em que ele é o que resta do que chamamos de relação sexual, precisando bem que se trataria de transmiti-lo sob a forma do significante?

Não é preciso dizer que nem Freud nem Lacan tiveram a ideia de transmitir um agente letal. Pelo contrário, era uma questão, tanto para Freud quanto para Lacan, de inocular no discurso ambiente, no discurso capitalista, um agente que diminuísse, que reduzisse a carga de pestilência deste discurso, injetando nele o poder revivificante do significante.

O único vírus que podemos inocular hoje é o que poderia relançar a epidemia da psicanálise, como Lacan a relançou em sua época, até na América Latina. Seria uma questão de relançar o vírus do significante que rejuvenesce a língua, que vivifica a língua, um vírus que, portanto, ainda ataca e sempre atacará o palavreado habitual que contamina os políticos e a mídia de hoje, assim como os cientistas, e a qual nós tampouco escapamos. Esta é a *nossa urgência*.

Não temos mais nada a fazer além de tratar nossos casos de urgências subjetivas. Lacan disse isso em seu “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, em 1976: como alguém pode se dedicar a satisfazer esses casos de urgência? E ele precisou bem que nunca se tem certeza de satisfazê-la [a urgência], exceto depois de pesá-la. É ainda mais verdade agora. Somos capazes, diante da demanda gerada pela crise, de poder pesar a urgência?

*Nicole Bousseyroux, 24 de março de 2020.*

*Tradução: Elisabete Thamer*

\*\*\*\*\*

Querido(a)s colegas,

Esperamos que esta edição da *Ecos* encontre todos vocês em boa saúde, que a quarentena à qual o mundo é agora forçado também seja uma oportunidade de reunir os meios à nossa disposição para continuarmos a sustentar a psicanálise. Hoje, nosso trabalho é certamente uma via para enfrentar o real que nos é imposto.

Esperamos que a impossibilidade de contato físico não seja um obstáculo para nos comunicarmos. Os cartéis internacionais, a organização de seminários *on-line*, podem ser meios de troca, enquanto aguardamos o momento – que esperamos que esteja próximo – no qual poderemos nos encontrar como antes.

Assim, o CIG desejou divulgar uma nova edição de seu *Boletim* com bastante rapidez, nosso objetivo não era apenas o de mantê-los informados sobre nossas atividades, mas, sobretudo, o de manter o elo de trabalho de nossa comunidade internacional.

Gostaríamos de agradecer à Bernard Nominé, Albert Nguyễn e Nicole Bousseyroux, que imediatamente se muniram de suas plumas para que chegue até vocês algum eco sobre essa terrível situação que compartilhamos.

Recebam, dos membros do CIG, um pensamento afetuosos. Cuidem-se bem, assim que a seus entes queridos e até breve!

Atenciosamente,

O CIG

### **Reunião do CIG**

Devido às medidas sanitárias adotadas em muitos países, o CIG cancelou sua reunião prevista para os dias 3 a 6 de abril, em Paris. No entanto, nos reuniremos nos dias 4 e 5 de abril por videoconferência, para trabalharmos sobre vários pontos.

Obviamente, a escuta dos testemunhos de passe programados nessas datas é adiada.

### **Propostas de AME**

As propostas de AME transmitidas pelos Dispositivos de Escola Locais serão examinadas pela Comissão Internacional de Acreditação (CAI), que também se reunirá por videoconferência. Lembramos a composição desta Comissão: Albert Nguyên, Bernard Nominé, Rithée Cevasco, Andrea Hortélio Fernandes, Vicky Estevez, Beatriz Maya e Nicole Bousseynroux.